

Endurecem as negociações automotivas nos EUA	01
O Perfil dos Trabalhadores Automotivos	02
Colômbia sofre de "genocídio" sindicalista	03
Estudo examina o setor de TI da China	04

Endurecem as negociações automotivas nos EUA

Conforme se aproxima o 14 de setembro, data em que vence o atual contrato coletivo das "três grandes" montadoras dos Estados Unidos com o UAW, os trabalhadores se perguntam porque eles deverão arcar com as consequências das falhas administrativas das empresas. Para o sindicato as negociações devem centrar-se mais nos custos de produção do que nos custos do trabalho e da saúde.

Nesta semana o Business Week entrevistou Kenneth Cooksey, um operário da Ford de 37 anos, que perguntava porque as empresas querem um grande corte nos salários/hora para enfrentar as montadoras japonesas Toyota, Honda e Nissan, se "as despesas com salários, benefícios e custos "históricos" de pensões e assistência de saúde mal alcançam 10% do preço de um veículo novo?"

Para o UAW, a "vasta maioria dos custos de produção e transporte de um veículo até o distribuidor e sua preparação para venda – incluindo design, engenharia, matérias primas, custos administrativos e outros – não estão nem direta nem indiretamente relacionados com o trabalho fabril" conforme o sindicato escreveu num folheto informativo para os jornalistas.

Para Ron Gettelfinger, presidente do sindicato, "existem outras medidas que as empresas podem tomar antes de reduzir os custos da massa salarial". Segundo ele, "hoje, os operários trabalham mais do que nunca".



A consultora Laurie Harbour-Felax aponta algumas ineficiências das "três grandes" em relação às montadoras japonesas. Uma delas, por exemplo, relaciona-se à falta de padronização das autopeças. A Ford, a GM e a Chrysler tem peças exclusivas para cada modelo. Isso não acontece com as suas concorrentes.

Para Harbour-Felax, que fez seu estudo para uma empresa de investimentos, outro problema encontra-se na multiplicidade de modelos que não compartilham as mesmas plataformas e nem são produzidos para uma distribuição mundial. Para ela os custos acarretados por essas deficiências produtivas equivalem-se aos custos advindos das despesas de saúde e benefícios de aposentadoria e pensão.

O UAW não se posicionou ainda sobre o curso das negociações.

Na foto, o presidente do UAW Ron Gettelfinger, à direita e o vice-presidente, Cal Rapson.

O Perfil dos Trabalhadores Automotivos

A agência noticiosa Associated Press fez um levantamento da situação dos trabalhadores automotivos nos Estados Unidos, Alemanha e Japão. Comparando salários e benefícios, medos e esperanças ela mostra uma espécie de perfil da indústria automobilística nos países ricos.



Segundo a AP o operário alemão da DaimlerChrysler é o que recebe o maior salário por hora de trabalho - cerca de US\$ 33,50 . Em seguida, com um salário de US\$ 30 por hora, está o trabalhador da Ford norte-americana e depois o trabalhador japonês da Nissan com um salário de US\$ 27 por hora. O trabalhador da Nissan, de modo diferente da Ford, recebe um bônus anual de US\$ 17.200 .

Dos três, o norte-americano e o alemão dizem ter medo de seu futuro diante da competição internacional.

A AP entrevistou Curtis Giles, um operário de 40 anos que trabalha na fábrica da Ford Michigan Truck, produzindo pickups esportivas. A planta conta com 1.400 trabalhadores horistas. Ele teme que a planta seja fechada em 2010. Com 17 anos de Ford ele recebe cerca de US\$ 30 por hora.

Morando numa calma comunidade a cerca de 100 quilômetros da fábrica, ele sabe que os três filhos, com 21, 18 e 17 anos, não vão seguir os seus passos e trabalhar na indústria automobilística. O seu sindicato, o UAW, que tinha 1,5 milhão de membros em 1979 tem hoje , 500 mil associados.

Masakazu Kanazawa é um orgulhoso trabalhador da linha de montagem da Nissan, com 31 anos de empresa. A Nissan é a terceira empresa automotiva no Japão.

O sindicato negocia aumentos anuais de salário, mas cada trabalhador na Nissan pode ter aumentos individuais baseados no seu desempenho. O salário médio na empresa é de US\$ 2.870 por mês (acima da média nacional de US\$ 2.260) além de um bônus de US\$ 17.200 em média.

As negociações sindicais no começo deste ano trouxeram um aumento médio de US\$ 54 no salário. A Nissan cobre 80% das despesas do plano de saúde e dá férias anuais de 20 dias. Kanazawa confia que vai manter o seu emprego até a sua aposentadoria quando completar 60 anos. O sistema japonês de aposentadoria é estatal.

Thomas Haebich, um operário da linha de montagem da Daimler com 20 anos de empresa, teme o futuro. Ele pensa com freqüência na possibilidade de perder o seu emprego na fábrica da empresa em Sindelfingen, no sudeste da Alemanha. Isso não acontecia quando ele começou a trabalhar na fábrica. Hoje ele tem medo da concorrência da produção asiática.

“Só no ano passado a Daimler pagou para 3 mil trabalhadores deixarem a empresa”, disse Haebich. “Se você olhar 10 anos à frente, a China vai avançar de modo tão agressivo sobre o mercado automobilístico que nós não teremos condições de competir com seus produtos baratos”.

Ainda que ele tenha uma jornada semanal de trabalho de 35 horas ele trabalha 40 por semana formando um “banco de horas” para quando cair a produção. O mesmo fazem os 22 mil trabalhadores da fábrica.

Ele se associou ao IG Metall logo que ingressou na Daimler, com 20 anos de idade. Ele ganha US\$ 4.862 por mês antes dos impostos (os impostos são altos – sobra US\$ 2.118 depois do desconto). A lei alemã lhe garante seguro médico . Ele paga o fundo de pensão e a Daimler também recolhe um seguro de vida.

Casado, e com uma filha de 11 anos, ele sente o impacto da globalização da indústria automobilística a cada dia que passa . E ele teme.

Colômbia sofre de "genocídio" sindicalista

Anastásia Moloney

Quando os atiradores chegaram para matar Rodolfo Vecino, ele não foi encontrado. Em vez disso, sua mulher, seu guarda-costas e amigo estavam no carro blindado que corria pela estrada no Norte da Colômbia no ano passado.

Dois atiradores em motocicletas abriram fogo nove vezes contra as janelas negras do carro, mas os passageiros escaparam ilesos.

Três dias depois, Vecino - membro da direção do USO, sindicato de trabalhadores de petróleo da Colômbia - recebeu uma ameaça de morte por mensagem eletrônica, dizendo que ele e outros sindicalistas tinham 20 dias para deixar suas casas e "evitar problemas".

"Recebi muitas ameaças de morte por telefone, fax e e-mail de grupos paramilitares durante os anos", diz Vecino. "Certa vez, tentaram até seqüestrar meus filhos quando saíam da escola".

As ameaças contra Vecino são uma história comum na Colômbia.

A situação dos sindicalistas do país não passou despercebida entre democratas nos EUA, que dizem que o governo de Bogotá deve fazer mais para reprimir esses assassinatos. A questão tornou-se importante obstáculo ao fechamento de um acordo de comércio bilateral com Washington, descarrilhado por escândalos internos e violações de direitos humanos.

"A Colômbia ainda é o país com maior número de sindicalistas mortos no mundo, e isso é preocupante", diz Harry Reid, líder da maioria do Senado.

Carlos Rodríguez, presidente da Federação de Sindicatos Central da Colômbia, maior confederação trabalhista do país, acredita que as preocupações democratas são bem fundadas.

Membros do sindicato, diz ele, enfrentam perseguição diária pelo país e são impedidos de desempenhar atividades legais do sindicato, inclusive negociações coletivas.

Susan Lee, diretora do programa das Américas da Anistia Internacional, concorda. "Os sindicalistas da Colômbia estão recebendo uma mensagem clara: não reclamem das condições de trabalho nem façam campanha para proteger seus direitos porque vocês serão silenciados, a qualquer custo".

Desde 1987, mais de 2.500 sindicalistas foram assassinados na Colômbia -um "genocídio", segundo Rodríguez. Como medida de segurança, ele, como dezenas de outros líderes sindicalistas, anda em carro blindado com quatro guarda-costas.

Um recente relatório da Anistia salienta que seis entre cada 10 sindicalistas assassinados no mundo são colombianos. Até agora neste ano, 20 membros de sindicatos foram mortos no país, na maioria professores e funcionários da saúde.

Entretanto, o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, alega que durante sua presidência o número de sindicalistas assassinados caiu em 74%.

Os membros dos sindicatos tornaram-se presas do conflito armado interno da Colômbia, onde ser taxado de simpatizante ou colaborador da guerrilha coloca o civil em risco.

"Os sindicalistas muitas vezes são considerados parte da oposição ou da insurgência, em outras palavras, contra o Estado, o que os torna alvos dos paramilitares", explica Rodríguez. "Um professor em uma comunidade rural que fala de democracia e de direitos humanos freqüentemente torna-se suspeito de ser simpatizante da esquerda e alvo de grupos paramilitares".

A maioria dos assassinatos de sindicalistas na Colômbia foi atribuída a paramilitares de direita que operam listas negras, seguidos de grupos guerrilheiros e cerca de 5% por agentes de segurança do Estado, diz Rodríguez.

Apesar da desmobilização de cerca de 31.000 combatentes paramilitares, como parte de um frágil acordo de paz com o governo de Uribe, os sindicalistas ainda são alvos de milícias.

Críticos americanos também levantaram a questão de ampla impunidade na Colômbia. Poucos são processados por crimes contra sindicalistas. "Denunciei as ameaças de morte e fiz várias reclamações às autoridades, mas não fizeram nada", diz Vecino.

Parcialmente em resposta às demandas democratas, o procurador-geral da Colômbia prometeu aumentar os recursos destinados à solução de milhares de casos não resolvidos de sindicalistas assassinados.

"Democratas, inclusive Al Gore (ex-vice-presidente americano) e sindicatos americanos vêm escutando cuidadosamente as nossas preocupações e sabem sobre os problemas que enfrentamos. Eles nos disseram que, enquanto essa situação crítica continuar e não for feito progresso de verdade, não aprovarão o acordo comercial", diz Rodríguez. *(Tradução para o UOL de Deborah Weinberg) (Financial Times, 08.08.2007)*

O conflito colombiano tem, de um lado, as forças armadas e grupos paramilitares e, do outro, guerrilheiros de esquerda. Os paramilitares emergiram nos anos 80 para combater os guerrilheiros e defenderem proprietários de terras de ataques rebeldes e dependem do tráfico de drogas para sustentar suas atividades criminais.

Os paramilitares foram responsáveis pelo assassinato de milhares de civis, na maioria sindicalistas e líderes indígenas suspeitos de colaboração com guerrilheiros.

Nos últimos três anos, a maior parte dos grupos paramilitares foi desmobilizada, mas há evidências de formação de novos grupos de milícias.

Sindicatos colombianos acusaram várias multinacionais americanas de patrocinar grupos paramilitares. A empresa americana Chiquita foi multada em US\$ 25 milhões (em torno de R\$ 50 milhões) após admitir ter pago às Forças Armadas Unidas da Colômbia para proteger seus trabalhadores. (FT)

Estudo examina o setor de TIC da China

No estudo são assinaladas as estratégias para melhorar as condições sociais e ambientais.

No recém publicado informe "Responsabilidade Social das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC) da China " é feita uma ambiciosa análise das estratégias para melhorar as condições sociais e ambientais no setor em Shenzhen (China).

O informe, que foi publicado pelo Foreign Investment Advisory Service (FIAS) e por Business for Social Responsibility (BSR), examina como os fornecedores, os clientes, os governos e as ongs locais contribuem para a saúde social e do meio ambiente no setor de TIC e formula recomendações para provocar melhoras.

A informação se baseia em reuniões efetuadas com vários organismos governamentais de Shenzhen e Beijing, com organizações de trabalhadores e do meio ambiente e com a Federação de Sindicatos da China (ACFTU). Além disso, a equipe de investigação visitou as instalações de 15 fornecedores e realizou entrevistas com outros seis depois da missão. *(FITIM, 07.08.2007)*

O informe pode ser encontrado em inglês e chinês na página da FITIM, em www.imfmetal.org/China.